

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - RELAÇÕES PÚBLICAS

Caroline Portela Melgarejo

**REPRESENTATIVIDADE FEMININA: A INSERÇÃO DE MULHERES  
EM TORCIDAS ORGANIZADAS**

Santa Maria, RS  
2018

**Caroline Portela Melgarejo**

**REPRESENTATIVIDADE FEMININA: A INSERÇÃO DE MULHERES EM  
TORCIDAS ORGANIZADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social Habilitação em Relações Públicas.**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>Sandra Depexe

Santa Maria, RS  
2018

**Caroline Portela Melgarejo**

**REPRESENTATIVIDADE FEMININA: A INSERÇÃO DE MULHERES EM  
TORCIDAS ORGANIZADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Ciências da Comunicação, da  
Universidade Federal de Santa Maria  
(UFSM, RS), como requisito para  
obtenção do título de **Bacharel em  
Comunicação Social Habilitação em  
Relações Públicas.**

**Aprovado em 3 de julho de 2018:**

---

**Sandra Depexe, Dra.(UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)

---

**Carlise Schneider Rudnicki, Dra. (UFSM)**

---

**Janayna Barros, Me.(UFSM)**

Santa Maria, RS  
2018

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todas as mulheres que lutam pela sua liberdade de expressão e luto por todas aquelas que ainda não conseguem.

.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me guiado e me dado sabedoria para tomar todas as minhas decisões até chegar aonde cheguei. Agradeço aos meus pais, por todo amor, apoio, cuidado e por terem me dado à educação que me fez ser uma mulher de personalidade, de questionamentos e luta. À minha orientadora por ter sido minha parceira durante essa jornada. E, por fim, agradeço ao movimento Força Tricolor Feminina SM que foi uma das principais razões a me motivar estar escrevendo sobre a liberdade das mulheres e, principalmente, por todo dia aprender um pouco mais sobre o nosso direito de ser livre e de viver a nossa verdade e não aquilo que a sociedade nos impõe.

*“ Somos mulheres guerreiras, verdadeiras heroínas.  
Juntas quebramos barreiras, vencemos qualquer  
partida. ”*

*(Karol Conka)*

## RESUMO

### REPRESENTATIVIDADE FEMININA: A INSERÇÃO DE MULHERES EM TORCIDAS ORGANIZADAS

AUTORA: CAROLINE PORTELA MELGAREJO  
ORIENTADORA: PROF.<sup>a</sup>DR.<sup>a</sup> SANDRA DEPEXE

O futebol é conhecido historicamente como um universo demarcado pelo masculino e, que se não exclusivamente, heterossexual. Nesse contexto, a prática do esporte em muitos países, especialmente no Brasil, induziu a idéia de que esse seria pouco desejável e adequado para as mulheres. Deste modo, com o aumento da participação feminina ativa nas torcidas organizadas, formou-se um novo público apreciador e consumidor desse esporte. Essa inserção, no entanto, enfrenta até os dias atuais muitas dificuldades devido ao predomínio machista nesse meio, fazendo com que o público feminino sofra constantemente com rótulos e obstáculos que dificultam o respeito e a representatividade delas como torcedoras. Nesse sentido a relevância desta pesquisa está em analisar as dificuldades vividas pelas mulheres, através de seus próprios relatos e depoimentos, dentro e fora dos estádios e as suas representações na torcida. Os métodos adotados para a análise do trabalho, como pesquisadora *insider*, foram, principalmente, por meio de depoimentos coletados com as mulheres do movimento Força Tricolor Feminina SM (FTFSM), desta forma se entende a proximidade entre a pesquisadora e o objeto de investigação, tanto para compreender as dinâmicas socioculturais quanto para atestar as circunstâncias vivida. Por fim, destaca-se a necessidade de uma pesquisa de fôlego sobre as torcedoras, que busque compreender a participação dos conceitos de gênero, representatividade, raça/etnia, classe social, dentre outros, no processo de legitimação da presença das mulheres no universo do futebol.

**Palavras-chave:** Futebol. Gênero. Torcida organizada. Representatividade feminina.

## **ABSTRACT**

### **FEMININE REPRESENTATIVITY: AN INSERTION OF WOMEN IN ORGANIZED TORCIONAS**

**AUTHOR: CAROLINE PORTELA MELGAREJO  
ADVISOR: PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> SANDRA DEPEXE**

Football is historically known as a universe marked by the masculine and, if not exclusively, heterosexual. In this context, the practice of sport in many countries, especially in Brazil, has led to the idea that it would be undesirable and appropriate for women. Thus, with the increase of the active female participation in organized cheerleaders, a new audience was appreciated and consumer of this sport. This insertion, however, faces up to the present day many difficulties due to the macho predominance in this environment, causing the female audience to suffer constantly with labels and obstacles that hinder the respect and representativeness of them as fans. In this sense the relevance of this research is to analyze the difficulties experienced by women, through their own reports and testimonies, inside and outside the stadiums and their representations in the crowd. The methods adopted for the analysis of the work, as insider researcher, were, mainly, through testimonies collected with the women of the Movement Tricolor Feminina SM (FTFSM), in this way it is understood the proximity between the researcher and the object of investigation, both to understand sociocultural dynamics and to attest to the circumstances experienced. Finally, it is important to highlight the need for a breathtaking survey on female fans, which seeks to understand the participation of gender, representativeness, race / ethnicity, social class, among others, in the process of legitimizing the presence of women in the universe of soccer.

**Keywords:** Soccer. Genre. Organized cheer. Female representation.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Barras Bravas .....	15
Figura 2 - Hooligans .....	16
Figura 3 - Ultras.....	16
Figura 4 - Geral do Grêmio.....	19
Figura 5 - Coligay .....	20
Figura 6 - Tribuna 77 .....	21
Figura 7 - Primeiro consulado feminino gremista .....	23
Figura 8 - Time brasileiro feminino .....	30
Figura 9 - Dulce Rosalina .....	33
Figura 10 - Torcidas Organizadas Femininas.....	35
Figura 11 - Excursão FTFSM .....	37
Figura 12 - Primeira partida das meninas .....	38
Figura 13 - Repórter de campo .....	40
Figura 14 - Final Libertadores 2017 .....	41
Figura 15 - Força Tricolor Feminina .....	42
Figura 16 - FTFSM e Núcleo Feminino Gremista.....	43

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2 O HOMEM, A MULHER E AS TORCIDAS</b> .....	<b>13</b>
2.1 O INÍCIO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS/UNIFORMIZADAS: BREVE PERCURSO HISTÓRICO.....	13
2.2 GRÊMIO .....	18
<b>3 A INVISIBILIDADE DA MULHER</b> .....	<b>24</b>
3.1 A HISTORIA DO ESPORTE OCULTA AS MULHERES .....	24
3.2 REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE .....	26
<b>4 LUGAR DE MULHER E ONDE ELA QUISE</b> .....	<b>31</b>
4.1 MULHERES ORGANIZADAS .....	31
4.2 ELAS NA TORCIDA .....	33
4.3 A UNIÃO FEZ A FORÇA FEMININA.....	36
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>4</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado é fruto de várias inquietações pessoais envolvendo as questões de gênero, representatividade e o futebol, mais especificamente o meio das torcidas organizadas do esporte no Brasil. O interesse pela temática se justifica pelo caminho percorrido neste âmbito e pela participação assídua aos jogos, torcida e movimentos femininos gremistas.

A relação entre gênero e esporte é cada vez mais pautada nos mais diversos debates e principalmente na mídia, mas não da forma desejada pelo público feminino. Os estudos sobre o assunto, que em sua maioria são feitos de homens para homens, estão aumentando gradativamente por parte do interesse das mulheres, por conta da falta de representatividade em muitos estudos que tratam do futebol de uma forma mais ampla e que em sua maioria retratam o sexo feminino de forma estereotipada em torno das condições masculinas hegemônicas.

Durante anos, elas conviveram com a invisibilidade social feminina e ao decorrer do crescimento das lutas e movimentos feministas passaram a conquistar o reconhecimento e aceitação em determinados espaços que, em sua maioria, eram destinados somente aos homens.

Entretanto, é importante questionar-se de que maneira ocorre a inserção feminina no futebol dito “masculino”. Seja no âmbito profissional ou mesmo no ato de torcer e freqüentar os estádios, a mulher é vista como sendo “infiltrada” em um lugar que não se destina a ela. Franzini (2005) afirma que o meio futebolístico ainda é eminentemente formado por homens, não sendo esse espaço apenas esportivo, mas sim sociocultural em que os valores impostos nele são reforçados por uma maioria masculina.

Contudo é interessante notar que, atualmente, o aumento da compra de ingressos por parte das mulheres nas partidas vem quebrando paradigmas de uma esfera masculina, mostrando ser um espaço onde outras pessoas também podem ser representadas e identificadas.

E mesmo com todo cenário machista e hegemônico, a crescente presença das mulheres vem intensificando-se dentro dos estádios, pelo aumento do interesse delas e da dedicação para com os clubes que torcem, seja através da preocupação em manterem-se informadas sobre o time ou dos jogos assistidos na televisão, configurando um novo público apreciador e consumidor desse esporte. Segundo

Leda Maria Costa (2007) a mulher como “ser que torce” vem ganhando progressivamente mais visibilidade.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar como os valores da masculinidade se manifestam e são perpetuados nas torcidas organizadas de futebol no Brasil, com foco na torcida do Grêmio Futebol Porto Alegrense, e ainda, averiguar a representatividade e o lugar da mulher nesses grupos constituídos. Os procedimentos metodológicos adotados para análise foram por meio de pesquisas em livros, *sites*, depoimentos coletado com as mulheres do movimento Força Tricolor Feminina SM (FTFSM), conversas informais e através de observações nas torcidas antes, durante e após os jogos.

Como pesquisadora *insider*, que se entende a proximidade entre a pesquisadora e o objeto de investigação, tanto para compreender as dinâmicas socioculturais quanto para atestar as circunstâncias vividas. Em outras palavras, no contexto de machismo existente e na cultura de que futebol é "assunto de homem", esta pesquisa ganha relevância por dar voz a mulheres torcedoras e resgatar o início de um movimento iniciado na cidade de Santa Maria/RS. Pode-se considerar que o estudo permeia uma aproximação a noção de auto-etnografia em que as experiências pessoais ajudam a construir e a refletir sobre os acontecimentos. Por conta disso foram escolhidas para coleta de depoimentos três mulheres do movimento Força Tricolor Feminina SM, por atenderem aos quesitos da análise e por estarem ambientadas com a organização e com o clube gremista.

Desse modo, é interessante salientar que se a mesma pesquisa fosse conduzida por um homem, talvez as próprias torcedoras informantes deste trabalho não ficassem tão à vontade para relatar suas experiências em excursões e nas torcidas. Logo, a identificação entre torcedoras também constrói este trabalho. Sobre este tipo de método de pesquisa Freire Filho afirma:

"A condição biográfica de insider é valorizada, em regra, como um bem em si mesmo, sem que sejam devidamente problematizadas as possíveis vantagens e armadilhas teóricas e metodológicas desta posição inicial de proximidade subjetiva com a cultura e os indivíduos sob o escrutínio acadêmico." (FREIRE FILHO, 2007, p.91)

O número seguido de títulos que o clube vem conquistando também foi influente no aumento da procura das mulheres por um espaço nos grupos femininos, principalmente no FTFSM. Observar a torcida gremista em um todo e em suas

particularidades como as organizações e viagens ao estádio, comandadas por mulheres, foi de extrema importância para situação atual de resistência feminina em que vivemos.

Teoricamente, os estudos de representatividade e identidade, foram feitos com base nos autores Morigi (2004) e Woodward (2000), para dar suporte à investigação e a interpretação dos relatos e experiências observados. O aporte teórico também ajuda a entender o papel da mulher socialmente e nas torcidas através de artigos científicos que abordam as relações das mulheres com o futebol.

## 2 O HOMEM, A MULHER E AS TORCIDAS

Esse capítulo irá tratar inicialmente de um breve percurso histórico da chegada do futebol ao Brasil, o início das torcidas organizadas mundialmente conhecidas e, também, abordará a pluralidade que habita dentro do clube gremista, mas que não é reconhecida pelos canais midiáticos de massa em decorrência dos preconceitos que giram até hoje em torno desse esporte.

### 2.1 O INÍCIO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS/UNIFORMIZADAS NO BRASIL – BREVE PERCURSO HISTÓRICO

O futebol é um esporte que chegou ao Brasil no Rio de Janeiro, por marinheiros Ingleses em meados de 1874 e teve seu marco em 1894, quando o jovem brasileiro chamado Charles Miller chegou da Inglaterra, onde estudava, ao estado de São Paulo trazendo bolas de futebol e um conjunto de regras. A primeira partida de futebol no Brasil foi realizada em São Paulo, no dia 14 de abril de 1895. As equipes participantes eram o São Paulo Railway e a Companhia de Gás, ambas formadas por ingleses que viviam na capital paulista. O primeiro time contava com a participação do próprio jovem Miller, considerado até os dias atuais o pai do futebol brasileiro, pois trouxe as duas primeiras bolas de futebol para o país em nove de junho de 1894. A partir daí, a história do esporte passou a ser escrita diante dos campeonatos, nacionais e regionais e dos destaques de grandes clubes.

Marcado por ser preferência nacional, o futebol conquistou brancos e negros, porém, enquanto os brancos construía estádios e comemoravam os resultados das partidas com uísque, os negros improvisavam campos de várzea e bebiam cachaça após os jogos. Carlos Alberto Figueiredo, autor do livro “Racismo no futebol”, afirma que “os jogadores negros se apropriaram de uma cultura esportiva elitista, trazendo o jogo para as ruas, transformando-o por meio de uma nova linguagem corporal e criando um dos mais fortes elementos de identidade nacional”.

Assim como na Inglaterra, o início do esporte no Brasil era praticado apenas por pessoas da alta elite e por brancos. Foi em 1908, com a origem de outros clubes que o futebol passou a ser praticado por indivíduos de outras classes e raças. Em relação à discriminação da época Sussekind diz:

Eram quase sempre estudantes brancos, bem nascidos. Seriam mais tarde profissionais liberais, oficiais do Exército e da Marinha. Em 1914, por exemplo, O Flamengo contava com seu time campeão com nove acadêmicos de medicina e um estudante de direito. (SUSSEKIND, 1996, p. 14)

Em 1930 o futebol firmou-se como um esporte de massa e teve sua ascensão decorrente a suas transmissões radiofônicas passando a mobilizar mais a população. Na década de 1940, surgia o fenômeno das torcidas organizadas, qual determinava um novo significado ao ato de torcer. Grupos de específicos torcedores passaram a se unir com o intuito de incentivar seus respectivos times de uma forma mais alegre, diferentemente do que se era visto nos estádios: pessoas sentadas em silêncio assistindo atenciosamente as partidas de futebol. Gustavo Grabia afirma:

Estádio e futebol não é teatro, embora nele não seja proibido se comportar como na ópera, em silêncio. Mas quando quem vai ao jogo age apenas como plateia, tudo fica insosso, sem graça. Muitas vezes, as organizadas são um antídoto contra monotonia. (GRABIA, 2012, p. 5).

As torcidas construíram sua identidade de acordo com cada grupo de torcedor ao redor do mundo, e com as diversas variações e influências da cultura de cada país e região que habitavam e, ao longo dos anos, elas foram sendo constituídas pelos próprios torcedores para diferenciar e identificar o seu "estilo" de torcida, sua ideologia e conseqüentemente ganhar o reconhecimento de seus grupos perante a sociedade e as outras entidades torcedoras, conforme Pinsky e Pinsky (2004, p. 272-273):

(...) o futebol, desde Charles Miller, transformou-se rapidamente numa atividade popular de massa (...) essa paixão, ao tomar o lugar das regatas na preferência das pessoas, passou a ser um acontecimento concorrido, e os lugares privilegiados dos estádios ficaram repletos de moças "de boa família" e de cavalheiros "da sociedade", enquanto na "geral" - setor menos privilegiado dos estádios - a população menos favorecida disputava "no braço" um lugar melhor para acompanhar a partida.(2004, p. 272-273)

Os tipos mais comuns de organização e de denominação de torcida encontrados pelo mundo são: as Barras Bravas predominantes nos países da América do Sul; Hooligans da Inglaterra; e os Ultras nos países da Europa. As

“barras bravas” é um dos movimentos futebolísticos mais populares do sul da América, conhecido pelas grandes festas nas arquibancadas contendo fogos de artifício, bandeiras, os chamados “trapos” estendidos e seus cânticos intermináveis, como ilustra a Figura 1.

Figura 1 - Barras Bravas



Fonte: <http://www.coha.org/barras-bravas-the-dark-side-of-soccer/>

O estilo “barras bravas” é de muita influência nas torcidas brasileiras, principalmente nas do sul do país. O Grêmio Futebol Porto Alegre foi um dos pioneiros em programar essa nova forma de torcer ao Brasil, com o surgimento da “Geral do Grêmio”, popular por ser uma torcida mista, que compõe suas músicas, baseadas nas argentinas, e que fazem a festa nas arquibancadas e também a antiga e famosa “avalanche”. As barras bravas argentinas também são conhecidas por seu aspecto violento diante as outras torcidas.

Os Hooligans, predominantes da Inglaterra, tiveram esse nome associado pela freqüentes presenças de grupos de torcedores em ações violentas por isso são mais conhecidos pelo aspecto violento do que o próprio ato de torcer. A figura 2 mostra um grupo reunido seguindo para o encontro com membros da torcida adversária, encontro esse que resulta em violência.



Figura 2 - Hooligans



Fonte: <https://www.dailystar.co.uk/news/latest-news/663054/Champions-League-Russian-hooligans-plot-carnage-Manchester-United-world-cup-warm-up>

Os Ultras tiveram seu surgimento na Europa e, como as outras duas organizadas também têm como objetivo apoiar incondicionalmente seu time e são conhecidos por não se calarem durante toda a partida de futebol, possuem também em seu histórico casos sérios de violência. A figura 3 mostra torcedores do PFC Levski Sofia, da Bulgária.

Figura 3 - Ultras



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ultras>

Sobre a questão do perfil violento de algumas torcidas, ou então de algumas pessoas específicas presentes nesse meio, Pimenta afirma:

O torcedor rival perde a característica de pessoa ou sujeito, mas ganha o *status* de animal ou coisa, sem nenhum vínculo de comprometimento social ou humano. Na prática dos atos de violência, os “torcedores” perdem a percepção da existência do outro.” (PIMENTA, 2003, p. 42)

Atualmente no Brasil, os estilos que mais predominam nas arquibancadas são as torcidas organizadas/uniformizadas e recentemente as Barras Bravas, citada anteriormente. A maioria dos clubes de futebol nacional possui estes dois tipos de grupos de torcedores.

O movimento das torcidas foi crescendo à medida que o “ato de torcer” passou a ter influência nos jogos e no próprio clube, incentivando outros grupos de torcedores de outros estados do Brasil a adotarem a idéia com base nos times locais. O esporte que antes era exclusivo entre expectadores das classes mais altas da sociedade, ganhava seu espaço, entre torcedores das classes mais baixas que usavam da sua criatividade para promover grandes festas nas arquibancadas, bandeiras, faixas e as cores dos clubes começaram a tomar conta das arquibancadas.

Nos vários âmbitos possíveis de identificação, o perfil característico dos integrantes de torcidas organizadas é eclético. Indivíduos de todas as classes sociais, raças, gêneros integram esses grupamentos. Sujeitos que trabalham nas mais variadas profissões; indivíduos que respondem processos criminais; usuários de droga; estudantes; pais de famílias; mulheres. Porém, essa heterogeneidade não exclui características específicas a cada torcida, onde certa agremiação pode ter um número maior de torcedores de determinada classe social. (PIMENTA, 2000, p. 122-126).

A primeira organizada surgiu a partir de reuniões dos torcedores da elite paulistana, através delas eles determinavam em qual local ficariam no estádio para assistirem aos jogos. O movimento foi o responsável por revolucionar o modo de como assistir uma partida de futebol nas arquibancadas brasileiras. No Rio de Janeiro surgiu a faixa “Avante Flamengo” onde se configurava um novo grupo de torcedores que se tornaria a Charanga do Flamengo. Daí em diante, surgiu a Torcida organizada do Vasco (TOV), do Fluminense, do Bangu e Botafogo, iniciando uma nova era para as torcidas organizadas.

No que se refere à idade dos torcedores, é possível caracterizar as TO's como grupos formados predominantemente por jovens. Por sua vez, os principais motivos que levam esses indivíduos a aderirem as TO's são: o

uso de vestimentas identificatórias (uniformes); a força do agrupamento; as possíveis relações de amizade dentro da torcida (sociabilidade); o demarcar de um “estilo de vida” e até mesmo o prazer pela violência. (PIMENTA, 2000, p. 124-125).

As torcidas começaram um surgimento em massa no final dos anos 1960, e tiveram sua ascensão maior nas décadas de 70 e 80, quando o futebol começava a ocupar outro cenário em meio às arquibancadas brasileiras. Em 1969 era fundada a Gaviões da Fiel, torcida do Sport Clube Corinthians Paulista, uma torcida que assim como a pioneira TUSP do clube rival, o São Paulo FC, ocuparia uma posição pioneira no Brasil diante de um movimento político-revolucionário.

## 2.2 GRÊMIO

Como o foco desta pesquisa se dá em mulheres da torcida do Grêmio, é importante compreendermos o histórico dela para que possamos analisar os valores sociais masculinos de dominação e hierarquia desde o seu início até o momento em que as mulheres passaram a inserir-se neste meio, para depois analisarmos as construções de representatividade feminina na torcida gremista.

O time tricolor foi fundado em 15 de setembro de 1903, em um restaurante da região central de Porto Alegre. O primeiro estádio, o estádio da Baixada, também conhecido como Fortim da Baixada, foi construído em 1904, também na capital. O segundo estádio, Olímpico Monumental, foi fundado em 19 de setembro de 1954. Em relação às torcidas existem poucos registros que relatem o início das organizadas gremistas, mas é necessário citar algumas que tiveram e tem um papel importante tanto para o reconhecimento do clube ligado as festas nas arquibancadas quanto a questões sociais, de representações e gênero.

A Geral do Grêmio, citada anteriormente, criada em 2001, é uma torcida de livre adesão, não possui mensalidade, uniforme e tem acesso livre a todos. Conta com as mais variadas faixas (barras), bandeiras e trapos (panos pendurados que exaltam o time e seus ídolos) que são confeccionados e colocados no estádio pelos próprios torcedores. Os instrumentos e as músicas são um potencial fator de incentivo ao time durante os jogos mesmo quando se está perdendo, característica herdada das torcidas latinas. Na figura 4 a torcida da Geral do Grêmio com seus trapos estendidos.

Figura 4 - Geral do Grêmio



Fonte: <http://globoesporte.globo.com/rs/torcedor-gremio/platb/2008/06/07/la-vem-renato-la-o-portaluppi/>

Entretanto, a Geral possui um histórico violento, especialmente após o episódio ocorrido no Gre-nal 366, quando torcedores enfrentaram a polícia e incendiaram banheiros químicos no Estádio Beira-Rio (estádio do seu rival Internacional). Vários outros episódios extracampo colaboraram para esta visão, a maioria deles confrontos com a Guarda Popular do Inter, certamente a maior rival. Além do histórico de violência a torcida possui também, como a maioria das brasileiras, um histórico machista e homofóbico.

Na realidade os preconceituosos presentes nesse meio ignoram o 10 de abril 1977. Foi em meio ao conservadorismo da ditadura militar que nascia a primeira torcida organizada formada exclusivamente por homossexuais, a famosa e reconhecida até os dias atuais Coligay. Volmar Santos, Gremista, cantor e empresário, incomodado com a falta de agitação nas arquibancadas tomou a iniciativa de motivar, organizar e reunir torcedores gays que não só chamavam a atenção, na época, pela orientação sexual mas também por seus trajes, faixas, bandeiras e instrumentos, como ilustra a figura 5.



Figura 5 - Coligay



Fonte: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554\\_546896.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html)

Após o surgimento da organizada não demorou muito para que dirigentes, jogadores e membros de outras torcidas organizadas do Grêmio começassem a rechaçar a Coligay que, inicialmente, tinha cerca de 60 integrantes. Ciente dos riscos, ao declarar a homossexualidade em um terreno machista como o do futebol e ainda no contexto da ditadura, Volmar bancava aulas de caratê para que seus seguidores pudessem se defender de eventuais ataques homofóbicos de rivais e das próprias torcidas gremistas. Volmar, hoje com 69 anos, conta entrevista ao jornal EL PAÍS “A única vez que tivemos problema foi quando um cara atirou pedras em nossa direção. Mas rapidinho botamos o sujeito pra correr do estádio”. A torcida manteve-se firme durante seis anos e tem como um dos poucos registros o livro escrito pelo jornalista Léo Gerchmann, publicado pela editora Libretos, em 2014.

Embora não tenha perdurado por mais anos, o movimento ficou marcado por seus grandes festejos e cantorias durante as partidas e, principalmente, pela coragem dos representantes à diversidade em meio a um cenário de repressão como o da ditadura. A Coligay foi responsável por inspirar outras associações entre torcedores homossexuais, como a do Flamengo Flagay, criada em 1979 por Clóvis Bornay e em 2013, a Galo Queer, do Atlético Mineiro. Léo Gerchmann, jornalista e pesquisador da história do clube gremista, sobre o marco social que a Coligay trouxe para a história do clube, “O Grêmio é o clube onde surgiu o case mais fantástico de

respeito às diferenças, talvez, na história do futebol brasileiro, que é a Coligay. Mas não só. O Grêmio foi fundado por pessoas de classe média, teve torcedor negro como símbolo na década de 30, teve Lupicínio Rodrigues como compositor do seu hino, teve uma homenagem com a estrela dourada na camisa por conta do Everaldo”, relembra o escritor, em entrevista a Beta Redação.

Trazendo esses fatores para o foco da nossa análise é possível perceber mais debates relacionados à importância desses grupos para as construções sociais a favor da pluralidade e, por conta disso, é fundamental citarmos também o movimento da Tribuna 77, torcida organizada antifascista, que teve seu início ainda no Portão 13 do Estádio Olímpico Monumental, no segundo semestre de 2012, na Arena sempre se faz presente na arquibancada Superior Norte.

A organização possui um papel fundamental que vai além do ato de torcer e que não se limita as quatro linhas do campo, por isso desenvolvem atividades fora do estádio e de dias de jogos. Patrícia Ferreira, participante frequente da Tribuna relata “ além dos eventos que organizamos como o Sarau da Tribuna 77, participamos também de outras atividades sociais, acadêmicas, culturais etc. Acreditamos que a ocupação desses espaços de pensamento potencializa a nossa linguagem e complementa a mensagem da ação direta”. Na figura 6 podemos observar os trapos estendidos no estádio que englobam a pluralidade das pessoas que freqüentam as arquibancadas.

Figura 6 - Tribuna 77



Fonte: [https://twitter.com/tribuna77\\_gfbpa](https://twitter.com/tribuna77_gfbpa)

A Tribuna como muitos outros movimentos sociais que estão surgindo, traz consigo um pilar de esperança para mudança para esse esporte que possui um alcance popular gigantesco. É importante que assuntos latentes na sociedade sejam apontados e debatidos uma vez que as torcidas aparentam estar se politizando, “ O futebol desde suas origens é uma potente ferramenta de inclusão social e conscientização, além de moldar a identidade e contar a história de diversos povos ao longo dos tempos. ” Reitera Patrícia.

Questões como o preconceito racial, o machismo, a homofobia ou qualquer outro tipo de preconceito ou intolerância devem ser combatidos em qualquer espaço, inclusive no futebol. Sabemos que muitos torcedores, jogadores, juízes e todos e todas que de alguma forma integram o espetáculo que são os jogos, sofrem ou já sofreram algum tipo de discriminação ou hostilidade. Embora o clube tenha em sua trajetória muitos casos de violência, machismo, racismo e homofobia, negros e gays estão na história do clube e cada vez mais a presença feminina vai se manifestando na cultura e rotina gremista. Sobre a inserção das mulheres nos estádios e o acolhimento e a importância de movimentos como a Tribuna, Patrícia afirma:

“Eu sempre fui sozinha aos jogos e sempre enfrentei o machismo e o assédio. Mas, ainda assim, eu resistia e seguia meu gremismo. Através da Tribuna, posso fazer por outras mãos o que encontrei aqui: sororidade e muito gremismo.” (BETA REDAÇÃO, 2018)

Recentemente as torcedoras gremistas de Lajeado, que por anos travaram a batalha pela representação e a participação feminina política no clube, conquistaram no dia 15 de Junho de 2018 a formação de um consulado formado por 14 mulheres de Lajeado. Eroni Abella, primeira consulesa gremista, em entrevista ao site do time, destaca a importância e os objetivos desse núcleo ao Grêmio, “ Nosso objetivo é fazer com que a mulher conquiste cada vez mais seu lugar no futebol, que ela seja ouvida. Além disso, também pretendemos promover ações sociais e ajudar em causas humanitárias, na linha do que o Grêmio enquanto clube já realiza em todo estado. ” O evento de empossamento ocorreu no Parque do Imigrante, em Lajeado (RS), e contou com a presença do presidente Romildo Bolzan Júnior, de ex-jogadores e de representantes de consulados gremistas da região, como ilustra a figura 7.

Figura 7 - Primeiro consulado feminino gremista



Fonte: <https://gremio.net/noticias/detalhes/21570/gremio-emossa-primeiro-consulado-feminino-da-historia-do-club>

As diversas iniciativas por parte dessas minorias expressam cada vez mais a sua importância a fim de motivar mudanças nesse cenário de preconceitos que, infelizmente, até os dias atuais se perpetua. Embora ainda sejam silenciados e não tenham a visibilidade que merecem por parte dos meios de comunicação brasileiros, esses movimentos existem e só o fato de existirem faz com que esses grupos “marginalizados” encorajem-se a persistir na busca de representatividade e de um panorama mais justo e igualitário dentro do esporte e na vida em sociedade.



### 3 A INVISIBILIDADE DA MULHER

O objetivo deste capítulo baseia-se em compreender alguns fatores influentes para a invisibilidade da mulher até os dias atuais, ao passo que esse é um problema enraizado em nossa sociedade por conta das circunstâncias impostas pelas relações de poder. Por conseguinte entender os conceitos de representatividade e identidade, por ambos serem pautadas nesse trabalho, pois a falta de representação as mulheres e aos grupos de minorias resulta na estereotipia do senso comum devido a uma errônea representação.

#### 3.1 A HISTÓRIA DO ESPORTE OCULTA AS MULHERES

Algo que parece simples, torcer sem precisar provar nada a ninguém, não é o cenário encontrado, nos estádios ou nas viagens aos jogos, pelas mulheres que tem o futebol como paixão. Em crescente presença nas arquibancadas, elas estão exaustas de passar por um *quiz* toda vez que dizem torcer por um time e ter de explicar a regra do impedimento ou até mesmo recitar a escalação, por conta dos diversos questionamentos masculinos. Desta maneira, para trilhar o caminho da pesquisa é importante compreender como funciona a inserção das mulheres no esporte, em especial no universo do futebol e a maneira específica como se pretende tratar a temática feminina dentro de um ambiente predominantemente masculino.

Na história, para Michelle Perrot (2007), existem dois grandes fatores para o ocultamento das mulheres. O primeiro deles, a pouca visibilidade feminina nos espaços públicos que, por um longo período, foi o grande objeto de interesse. O segundo seria o sigilo das fontes em relação às mulheres, pois antigamente havia poucos vestígios escritos ou materiais delas, já que tinham um acesso à escrita muito tardio e eram prontamente consumidas ou dispersas por suas obrigações domésticas.

Antigamente o papel feminino na sociedade brasileira, Conforme Franzini (2005) resumia-se a cuidar da casa enquanto os homens saíam para fazer os serviços externos e, também, ter as suas horas de entretenimento. Pouco se havia estudado sobre a mulher, através da historiografia pode-se analisar que entre o fim do século XIX e o início do século XX, as pessoas tinham seu lugar na sociedade demarcado de acordo com seu gênero, entre o espaço público e privado, sendo que

restava a mulher o papel de dona de casa (privado) e aos homens o espaço da rua e do lazer (público).

Com o marco da industrialização e urbanização fez iniciou-se um processo de inserção da mulher em outros locais e gradualmente o maior acesso aos espaços públicos. Chegava ao fim uma era de silêncios e regras impostas socialmente pelo machismo que por muito tempo ditou o que elas poderiam ou não fazer, como se portar, vestir, como falar e quando falar.

O início movimento feminista no Brasil, em meados do século XIX, trouxe a proposta de luta por igualdade, aos poucos elas passaram a ter mais voz ativa e alguns direitos concebidos como acesso à educação, direito à vida política, inserção ao mercado de trabalho e o direito ao divórcio. Goellner, sobre a naturalidade do que era imposto socialmente às mulheres, afirma:

(...) dentro dos padrões idealizados para um e outro sexo, o trabalho feminino, apesar de algumas vezes ser incentivado, não representa uma possibilidade de emancipação individual e social das mulheres. Nem mesmo a desobriga das rotineiras atividades que realiza no espaço íntimo do lar e da família. (GOELLNER, 2003, p.117)

Nos mais diversos meios as mulheres foram silenciadas e representadas como uma figura submissa e frágil e pautadas em debates sobre o espaço masculino e o feminino. Essa discussão foi trabalhada socialmente desde muito tempo, pois a diferenciação sempre existiu até mesmo no meio familiar que reafirma a distinção desde a criação dos filhos, os meninos que ganham a bola de futebol e as meninas que ganham panelas e bonecas para brincar.

O futebol, para grande parte da população brasileira, era referencial de lazer exclusivo dos homens e desde seu início no Brasil, induziu a idéia de que o mesmo seria pouco adequado às mulheres, restando a elas o espaço restrito de donas de casa ou somente espectadoras acompanhantes de seus maridos.

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da 'ordem', ou da 'lógica', que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. (FRANZINI, 2004, p. 3)

Dessa forma, o esporte limitava as mulheres apenas a assistência e os jornais da época as representavam como enfeites às arquibancadas. E, segundo Ribeiro:

As archibancadas achavam-se repletas do que há de mais selecto em nosso meio social e as gentis senhorinhas que alli se viam, muito concorreram para dar uma nota elegante e alegre ao “*match*” (RIBEIRO, 2007, p.79).

Percebe-se que dentro deste contexto, mesmo que o espaço fosse resumido a acompanhante de arquibancada, a mulher já procurava inserir-se nesse espaço destinado aos homens, mesmo mediante a oposições às tentativas, como quando o papel feminino é posto em debate quando elas tentam firmar-se e legitimar-se nos cenários ditos masculinos, uma vez que a sociedade cria, desde sua infância, pessoas para agir, limitar e denominar de acordo com o sexo.

Esse sistema de sexo/gênero, contextualizado por Gayle Rubin, funciona como arranjos que transformam o natural em produto social. A autora tinha como idéia compreender o modo de como esses arranjos funcionava até chegar à opressão das mulheres e as outras “ minorias sexuais”. Quando se pensa a diferença entre os sexos, compreende-se que aquilo que vemos como diferença não é nada mais que algo cultural. Portanto, é possível pensar outra gama de questões que se referem às diferenciações sexuais. Nesse sentido, é possível entender o conceito de gênero baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder.

### 3.2 REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE

A representatividade transmite por meio da linguagem as mais diversas culturas e, compreendê-la é fundamental. O presente trabalho possui como eixo principal de pesquisa indagar a manifestação dos valores da masculinidade que são perpetuados nas torcidas organizadas de futebol no Brasil, com foco na torcida do Grêmio e através de depoimentos das mulheres do movimento Força Tricolor Feminina SM.

Não sendo somente uma transmissora de informação a representatividade é uma fomentadora de sentidos e valores, para as mais diversas culturas. Segundo Morigi (2004) “As representações sociais estão assentadas em valores e princípios

morais nos quais a sociedade, os grupos e os indivíduos se guiam para construir e reconstruir os sentidos de suas ações” (MORIGI, 2004, p. 11).

Portanto, é uma forte influenciadora nas questões identitárias, pois os indivíduos se apropriam em grande parte das significações expostas para construir e ressignificar seus próprios hábitos. Trazendo para o assunto abordado, podemos dizer que a mulher passou décadas vivendo valores significados já impostos socialmente, sem uma representatividade e praticamente sem ter sua identidade, ou seja, não sendo protagonista de sua própria história.

É importante compreender, quando falamos de gênero, como são formadas as identidades, por meio da representação. Baseada na teoria dos Estudos Culturais, Kathryn Woodward (2000), nos mostra uma série de fatores sociais e simbólicos que podem influenciar esse processo. À medida que uma identidade se consolida, seja ela qual for, enquanto grupo identitário, precisa-se colocar em evidência, pois é na diferença que ela se firma, conforme Kathryn, “A diferença é sustentada pela exclusão” (WOODWARD, 2000, p. 9), portanto é possível evidenciar as diferenças por meio de comportamentos, traços sociais, hábitos, contextos históricos e memórias coletivas.

Ainda na condição de reforçar essas idéias, a autora enfatiza que, as identidades são fabricadas por meio da marcação das diferenças. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão. A identidade não é o oposto da diferença, ela depende da diferença. (WOODWARD, 2000, p. 40).

Sendo a construção da identidade tanto simbólica quanto social, a luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que os cercam têm causas e conseqüências materiais. Por exemplo, os homens tendem a posições de sujeito para as mulheres tomando a si próprios como pontos de referência, sendo assim, mulheres são as significantes de uma identidade masculina partilhada. A identidade é marcada pela diferença, mas o que ocorre que algumas diferenças são vistas como mais importantes que as outras, principalmente em lugares particulares e em momentos particulares. Socialmente, o homem e a mulher, já ocupam respectivamente os seus lugares pré-definidos na sociedade, esse é um dos principais fatores que influencia na falta de representatividade e identidade feminina nas torcidas.

É comum ver muitos meninos inspirando-se em outros jogadores, árbitros, chefes de torcida e nos diversos segmentos do futebol. Existem poucos modelos femininos nas diversas áreas do esporte que tenha seu nome reconhecido na mídia, ainda são limitadas as possibilidades de outras meninas terem mulheres como inspiração para entrar no esporte independentemente da área que for atuar ou participar, da torcida ao campo. A razão principal da representatividade é a do fato delas se enxergarem em uma profissão ou motivarem-se a se permitir ter um lazer dado como “exclusivamente” masculino e por conta disso faz com que se sintam mais seguras e confiantes.

Podemos citar aqui o exemplo da notícia do Trivela, publicada em 31 de outubro de 2017, onde uma garotinha de apenas quatro anos, que acompanhava seus pais em uma partida entre Garforth Town e Hall Road Rangers, quando observou a assistente da partida, Melissa Burgin, que corria logo à frente e percebeu a semelhança com seus cabelos, logo vendo que era uma mulher, a pequena sorrindo para o pai disse: “O cabelo dela é igual ao meu, eu posso ser juíza?”. O pai na entrevista comentou que havia sido à primeira vez em que Clara percebeu uma árbitra mulher em um jogo. “Ela já tinha visto mulheres jogarem futebol antes, mas nunca viu uma mulher envolvida em qualquer área de arbitragem do jogo que nós tenhamos pagado para ver”, disse Nathan. “Foi à constatação que ela poderia ser parte disso no futuro”, completa. A representatividade vai muito além de como a mulher quer ser realmente vista, ela também serve como um porto seguro para inspirar outras a seguirem seus sonhos e vontades sem que se deixem levar pelos preconceitos enraizados nesse esporte.

Antigamente, no universo do futebol, mais precisamente dentro das torcidas organizadas, os preconceitos e tabus relacionados às mulheres aumentavam, visto que, na década de 1970, só era permitido entrarem nos estádios junto de seus respectivos maridos, reforçando a idéia de que o esporte não era um ambiente feminino, conforme Franzini (2005):

A relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que neste seu papel era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens “construírem a nação” (FRANZINI, 2005, p.11)

Neste contexto, uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas torcedoras é o uso de termos estereotipados para denominar a presença feminina dentro das torcidas, tais como “mulher não entende de futebol”, “Maria chuteira”, “lugar de mulher é na cozinha”, dentre outras expressões que são constantemente ouvidas por mulheres que freqüentam os estádios. Pela mídia elas são freqüentemente taxadas como símbolos sexuais, “as mais gatas torcedoras”, “as mais bem vestidas” traçando um perfil que não representa as torcedoras que comparecem aos jogos para torcer e transmitir sua paixão ao futebol. Conforme Cappellano, as mulheres tiveram um papel fundamental na história das torcidas:

Foram as mulheres, aliás, que consagraram a expressão “torcer”. Como não ficava bem para uma dama se descabelar, gritar, chorar, com seu time de coração, elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão. O hábito as fez ficar conhecidas como “torcedoras” e não demorou muito para o termo ser adotado para designar todos àqueles que compareciam com frequência às partidas no intuito de incentivar as equipes. (CAPPELLANO, 1999, p. 28-29)

Apesar disso, a luta por uma representatividade feminina sem rótulos nas arquibancadas ainda não acontece de forma com que as mulheres se sintam bem representadas como torcedoras. As que acompanham mais seguidamente passam constantemente tendo que provar que sua paixão pelo time, paixão essa que não se trata de modismo, de aparecer ou de interesse por jogadores, segundo Bruna Hernandez destaca no texto “Torcidas Organizadas Brasil”:

Hoje, particularmente, após muito esforço e dedicação, consigo ter voz ativa na minha torcida, participo de reuniões de diretoria, estabeleço comunicações e discuto se necessário. O que desejo? Que as mulheres não tenham mais que passar por esse árduo processo para serem respeitadas nas torcidas; que o amor que sentimos por nosso clube seja o suficiente para a aceitação; e que, finalmente, os homens compreendam que, SIM, amamos futebol como eles e, sendo assim, não há necessidade de ir contra. Apenas nos deixem SOMAR, junto com vocês! (HERNANDES, 2013)

As pesquisas mostram o crescente número de mulheres nas arquibancadas, e no esporte em seus diversos seguimentos, como jogadoras, técnicas, conselheiras e diretoras, permitindo que o espaço da mulher nesse âmbito perpetue luta pela identidade feminina desejada dentro e fora das torcidas. A figura 8 mostra o time brasileiro heptacampeão da Copa América Feminina.

Figura 8 - Time brasileiro feminino



Fonte: <https://www.torcedores.com/noticias/2016/08/o-futebol-feminino-e-o-preconceito-social>

Apenas em 1986 o Brasil foi representado por atletas no futebol em um amistoso internacional contra os Estados Unidos. A seleção brasileira feminina possui mais de 30 anos de história e em seu histórico diversas vitórias. É considerado o melhor time feminino da América do Sul, além de ser formado junto a melhor jogadora do mundo, Marta, camisa 10, eleita por cinco anos seguidos pela FIFA (de 2006 a 2010) a melhor jogadora do planeta. Ainda assim, o futebol feminino caminha por um longo trajeto na busca pela visibilidade merecida, o fato é que isso não desencoraja as mulheres que sonham e lutam para ocupar um lugar no esporte, pois elas seguem motivadas a terem o seu espaço reconhecido e respeitado.

## 4 LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER

É importante pensar as mulheres em contextos específicos, pois elas não são iguais, embora tenham suas semelhanças, e não podem ter sua representatividade baseada em pressupostos machistas e misóginos. Nesse sentido busco fazer a análise deste capítulo pensando na crescente inserção das mulheres no universo do futebol e os diferentes papéis sociais que as mesmas podem assumir tendo sua representatividade e importância nesse meio respeitada, através de relatos das integrantes do movimento Força Tricolor Feminina SM.

### 4.1 MULHERES ORGANIZADAS

A autora Maria Izilda de Matos (1997), na obra *Gênero em Debate*, nos mostra que foi na década de 70 que as mulheres “entraram em cena” e tornaram-se visíveis na sociedade e na academia. Nesta época surgiram diversas pesquisas sobre o tema, fazendo com que os estudos sobre a mulher deixassem de vez a marginalidade em que se encontravam. Ganharam espaço estudos sobre o trabalho feminino, principalmente o trabalho fabril. Isso porque o trabalho tinha um papel fundamental para a sobrevivência, e também por ocupar grande parte da vida cotidiana da humanidade.

Aos poucos, e, infelizmente, sem muita relevância para mídia, o número de profissionais mulheres na área esportiva, como jogadoras, preparadoras físicas, jornalistas esportivas, árbitras, técnicas, lugares estes inimagináveis até bem pouco tempo atrás.

A campanha "Deixa Ela Trabalhar", traz essa pauta das jornalistas esportivas femininas cansadas com o assédio que sofrem nos estádios brasileiros. O movimento ganhou manchete no mundo através da voz das mulheres e ainda desperta debates, reflexões e reações. Foi através de um vídeo, contado com a participação de várias jornalistas esportivas, incluindo Fernanda Gentil (repórter e apresentadora do Esporte Espetacular), Aline Nastari (Repórter do Esporte Interativo), Ana Thais Matos (Repórter da Rádio Globo) e Cris Dias (Apresentadora do Globo Esporte RJ), que o grupo se manifestou contra episódios de assédio e agressões dentro dos estádios, redações e entre colegas de profissão.



A presença delas nas diversas áreas do esporte não funciona como um fator significativo socialmente, pois ainda é uma área de predominância masculina e de diminuição feminina. As jornalistas Regiani Ritter e Joanna de Assis, em uma entrevista ao Trivela, contaram suas experiências e preconceitos sofridos e a luta diária por afirmação dentro da profissão, apenas por serem mulheres. A repórter da ESPN Brasil, Patrícia Lopes afirma:

“Isso [preconceito] ainda tem até hoje. Ainda há a dúvida por ser mulher. Você sempre tem que estar provando. Parece que é exercício constante da mulher ter que provar nessa profissão. Se eu estivesse na área política ou econômica não haveria isso” (LOPES, 2011)

Um dos casos mais notórios de preconceito para exemplificar aconteceu com a árbitra Ana Paula Oliveira, a mesma já esteve presente em vários campeonatos importantes como Olimpíadas, Oitavas de final da Copa Libertadores, final da Copa do Brasil, entre outros. Após fazer um ensaio a uma revista masculina, Ana Paula passou a sofrer diversos preconceitos por parte de colegas que não aceitavam trabalhar com ela exclusivamente pelo fato de ser mulher.

Outro fator ocorre diretamente com as jogadoras de futebol que os resultados, na maioria das vezes, superam dos times masculinos, porém, tem seu salário em média 40% menor que o dos homens. Como parâmetro, podemos usar também, Marta e Neymar, os dois são jogadores brasileiros e estrelas do esporte, porém, com salários totalmente desiguais. Marta é uma das maiores jogadoras da história do futebol feminino, nomeada por cinco anos consecutivos como a melhor do mundo, e ainda assim luta para ter sua estabilidade financeira, já Neymar com poucos anos de carreira já possui um salário que chega a 29 milhões de reais.

Portanto, tratando-se de um país como o Brasil, onde o futebol é diretamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar o quanto este ainda é um espaço de conquista para as mulheres e, sobretudo, de ressignificar alguns dos sentidos incorporados, a fim de afirmar que esse meio também é delas, ou seja, precisa ser um lugar de sociabilidade e de exercício de liberdade. Como afirma Tim Vickery, colunista da BBC Brasil: “deixe ela trabalhar; deixe ela ser do lar, se assim quiser; ou deixe ela virar chefe e mudar os padrões de seleção de funcionários; deixe ela desenvolver os seus talentos na sua plenitude.”

## 4.2 ELAS NA TORCIDA

Conforme o texto de Bruna Hernandez para a página “Torcidas Organizadas Brasil”:

Desde que se iniciou a história do mundo moderno, há dois aspectos factuais: homens, caucasianos e ocidentais são os detentores do poder; as mulheres e outras etnias, comumente, não tinham força questionadora. Nas torcidas a lógica também se aplica, a não ser pelo fato que a etnia não interfere na questão do poder, desde que sejam homens. Mulheres não presidem torcidas; poucas mulheres têm voz ativa nas torcidas; mulheres não "servem" para a linha de frente; mulheres são barradas em algumas "caravanas de briga"; mulheres não entendem de futebol (hahahahaha!); mulheres só vão aos estádios para ver as coxas grossas dos jogadores; mulheres só participam de torcida por status. (HERNANDES, 2013)

Na década de 1960, houve a primeira iniciativa para a efetiva participação feminina nas torcidas. Dulce Rosalina, vascaína, foi quem tomou a frente desse movimento pioneiro quando o time do Vasco exigiu que a torcida que, até então era somente uniformizada, se tornasse organizada. A figura 9 ilustra a fanática torcedora em uma das partidas do seu time de coração.

Figura 9 - Dulce Rosalina



Fonte:<http://www.netvasco.com.br/n/175513/relembre-a-historia-de-dulce-rosalina-1-mulher-lder-de-uma-torcida-organizada-no-brasil>

Rosalinda foi responsável por coordenar os integrantes da torcida para que a festa acontecesse e foi quem inovou ao inserir na torcida o uso de papel picado e concursos de bateria, marcando seu nome como a primeira mulher líder de uma torcida no Brasil.

Encantada com os ideais do clube de São Januário, Dulce se tornou frequentadora assídua dos jogos vascaínos tendo, a exemplo de seu time do coração, se tornado a primeira mulher a assumir a presidência de uma torcida de futebol, aos 22 anos, em 1956. Posteriormente casou-se com o então jogador de futebol, Ponce León com quem teve os seus dois filhos. (GUERREIROS DA COLINA, 2017)

Por sua participação ativa aos jogos, tanto em casa quanto fora, Rosalina recebeu, em 1961, o prêmio onde era considerada a maior torcedora do Brasil, o mesmo foi doado ao clube e até hoje está guardado na sala de troféus de São Januário. Em 1968 Dulce liderava a excursão da Torcida Organizada do Vasco(TOV) a São Paulo, o ônibus que levava os torcedores, caiu em uma ribanceira de 50 metros. Devido ao acidente Rosalina precisou ficar dois anos afastada dos jogos. Em 1998, já recuperada, foi a Tóquio prestigiar o Vasco, na decisão Mundial de Clubes, contra o gigante Real Madrid.

Após algumas divergências com a diretoria do Vasco, Dulce Rosalina deixou a TOV e deu início a Renovascão, qual liderou até falecer. Em 2004, três dias após sua morte, a torcedora foi homenageada pela Prefeitura do Rio, que mudou o nome da Rua do Reservatório, próxima ao clube, para Rua Dulce Rosalina. Ela se tornou um dos maiores exemplos de torcedora símbolo no Brasil e deixou o legado a passar de geração em geração.

Por seguinte, em 2006, surgiu a torcida Flu Mulher, a primeira torcida organizada oficial exclusivamente feminina. A quantidade significativa de mulheres e crianças nos jogos do Fluminense foi o principal objetivo que fez com que esse movimento desse certo. Apesar de bem recebida pela diretoria do clube, a torcida ainda é vista com olhos tortos nos estádios, principalmente pelos homens. Na época, o então presidente do clube Roberto Horcades, apoiou a idéia e se orgulhou de mais uma atitude de pioneirismo tricolor.

A mulher como “ser que torce” vem ganhando cada vez mais espaço, e mais que isso lutando por sua legitimidade como torcedora tanto nos estádios quanto nos

espaços virtuais da internet manifestando seus posicionamentos e vontades. De acordo com Leda Maria da Costa (2007):

Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição da identidade feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte, diferentes demandas e significados. (COSTA, 2007, p. 22)

Atualmente ainda há muita luta contra esse conservadorismo e desrespeito, originário de um processo histórico de uma cultura machista, no entanto, não foi o bastante para impedir que o índice de participação feminina nas torcidas brasileiras aumentasse juntamente ao surgimento das torcidas organizadas formadas somente por mulheres, como a Jovem Fla Pelotão Feminino (Flamengo - RJ), Galoucura Feminina (Atlético Mineiro - MG), Camisa 12 (Vasco da Gama - RJ), Mulheração (Volta Redonda - RJ), Gatas da Fiel (Paysandu - Pará), Núcleo Feminino Gremista (Grêmio Futebol Porto Alegre) e a Força Feminina Colorada (Sport Clube Internacional – RS, através disso as mulheres vem reforçando o amor pelo esporte e o seu lugar nas arquibancadas. Na figura 10 as torcedoras da Galoucura Feminina e da Força Feminina Colorada.

Figura 10 - Torcidas Organizadas Femininas



Fontes: <http://togaloucura.blogspot.com/>  
<http://www.arquibancadacolorada.com.br/blog/mulher-colorada-em-primeiro-lugar/>

### 4.3 A UNIÃO FEZ A FORÇA FEMININA

Existe uma dívida histórica da sociedade para com as mulheres apaixonadas pelo esporte, sejam elas torcedoras jogadoras ou profissionais dessa área que por décadas foram tratadas como um 'não público-alvo' do futebol. Diversas meninas dedicam uma vida como profissionais em campo ou seguem seus respectivos times por paixão à camisa, no entanto a luta diária é ainda maior, contra o machismo e a invisibilidade seletiva. Sophia Mind, do Bolsa de Mulher, através de uma pesquisa feita com aproximadamente 2.084 mulheres, de todo o país, entre 18 e 60 anos, mostra que 80% torce para algum clube e 30% acompanha com mais frequência aos jogos e campeonatos.

O movimento Força Tricolor Feminina SM (FTFSM) é uma das muitas recentes iniciativas femininas, se não a primeira, da cidade de Santa Maria RS, que trata do engajamento e a união das mulheres no combate ao machismo nas torcidas de futebol. A Força teve seu início motivado pelo momento histórico de organização de meninas na luta por equidade de gênero em tantas outras frentes. A atitude de organizar a primeira excursão totalmente composta por mulheres partiu da minha parceria e amizade com Suélen Lavarda, por já sermos frequentadoras da torcida gremista. Suélen em depoimento relembra como tudo começou:

" Em 12/05/2017 uma van com 20 meninas partia de Santa Maria em direção à Arena do Grêmio, a ida era para apenas assistir uma partida do Grêmio no Campeonato Brasileiro, mas a volta nos trouxe além da vitória, sonhos, vontades, união e necessidade de um movimento feminino na cidade em prol do Grêmio. Assim foi criada a Força Tricolor Feminina, cheia de alegrias, amizades e parcerias, gritos de gols e choros de felicidade. Mal sabíamos que já nos nossos primeiros meses iríamos gritar três vezes "É campeão". Mal sabíamos a quantidade de almas femininas que precisavam dessa união. Mal sabíamos que hoje estaríamos aqui, comemorando essa data. Hoje existimos por uma necessidade e por amor! Somos como nosso próprio nome diz: Força." (LAVARDA, 2018)

O intuito do movimento, que não se intitulava torcida organizada, veio através da falta de um ambiente onde todas as mulheres pudessem frequentar e sentir-se seguras e a vontade para acompanhar aos jogos e debater sobre o assunto. O nome veio do propósito de que faltava uma união com a força feminina na cidade e foi daí

que ficou denominado a Força Tricolor Feminina SM. Como o intuito inicial era somente de uma excursão totalmente formada por mulheres a primeira data foi especialmente escolhida no dia das mães e, reuniu quinze torcedoras de variadas idades. Foi logo após o sucesso da primeira viagem que o grupo, inicialmente criado no *whatsapp*, foi crescendo ligadas a minha vontade e motivação junto a Suélen, de seguirmos em frente. A figura 11 mostra as quinze mulheres reunidas para a primeira excursão.

Figura 11 - Excursão FTFSM



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

A união das integrantes do grupo foi se fortalecendo agarrada ao desejo da convivência fora às excursões. Foi então que em parceria ao bar Boteco do Rosário que a dimensão do movimento aumentou rapidamente e o ponto se tornou lugar de encontro de muitas mulheres e simpatizantes com o movimento. Desde o seu início o grupo é aberto para qualquer mulher que queira participar e que tenha afinidade com o esporte, para fazer parte basta comparecer aos jogos e se aproximar das meninas, todas são bem vindas, salientando sempre o respeito, união e empatia umas com as outras.

Retomando sobre a viagem do dia 12 de maio de 2017, na primeira organizada pela Força, pude observar que as participantes tiveram basicamente 4 horas para se conhecerem e compartilhar suas histórias, mas bastaram os primeiros



30 minutos na estrada para que o ambiente se igualasse ao de amigas de infância. A cantoria, as brincadeiras e as risadas tomaram conta do início ao fim da viagem, e principalmente, o sentimento de segurança e liberdade para agir da forma que quisesse predominou na van que levava as mulheres a Arena.

Foram quinze mulheres totalmente diferentes umas das outras, de todas as idades, cores e tamanhos, porém com uma paixão tricolor em comum. Isso explica os questionamentos do movimento sobre representatividade na torcida. As mulheres são taxadas de acordo com os valores masculinos já impostos nesse ambiente. Para início de conversa, lugar de mulher nem é no estádio, segundo a grande maioria dos homens. Mulher só frequenta estádio atrás homem, ou serve como símbolo sexual, se estiver no padrão de beleza, tem que saber a escalação do time e as regras do impedimento. Não pode ser muito masculina nem muito gostosa, se não já é diminuída também. “Nós mulheres torcedoras, sabemos como é entrar num estádio e ser olhada como um enfeite, uma musa e não como nosso real objetivo de torcedora: torcer e vibrar pelo nosso time”, afirma Rafaela, integrante ativa do movimento. Figura 12, as meninas do movimento juntas na Arena, na partida Grêmio versus Botafogo pelo campeonato brasileiro em 2017.

Figura 12 - Primeira partida das meninas



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

A maioria das viagens ao estádio do Grêmio são organizadas por homens e basicamente freqüentadas por eles, os poucos lugares restantes são preenchidos por mulheres que tem a iniciativa de ir, na maioria das vezes, quando possui alguma companhia, pois só assim se sentem mais seguras. Rafaela Inda, integrante do movimento FTFSM conta:

“ Eu já vivi duas situações, a boa e a ruim. O que eu achei curioso (e triste) é que quando fui sozinha, fui bem menos respeitada do que quando fui acompanhada de um amigo. Na primeira situação, ouvi piadinhas, caras olhando da cabeça aos pés, e perguntas querendo desmerecer tipo "Qual a escalação do time? Mas tu sabes o que é impedimento?". Quando fui acompanhada, foi algo totalmente diferente. Parece que tinham respeito não por mim, mas pelo meu amigo que fui acompanhada. Nada de piadas. Nada de perguntas idiotas. Os olhares continuavam os mesmos, mas mais disfarçadamente. Como eu disse, vivi as duas situações e posso afirmar que eu pensaria duas vezes antes de ir sozinha novamente em uma excursão assim. A maioria só respeita se está acompanhada ou se já te conhecem, de resto, eles não fazem muita questão de respeitar, temos que levar na "brincadeira" porque afinal, "somos todos gremistas". (INDA, 2018)

A presença das mulheres e de outros grupos de minorias nos estádios é diariamente digna de luta e resistência por conta do machismo que continua sendo uma profunda marca de opressão no futebol. Fernando Leite, também integrante do movimento conta que desde pequena acompanhou os jogos do Grêmio, porém sempre em viagens de família junta aos seus pais devido ao medo e ao preconceito enraizado nos estádios. Fernanda conta:

“ As excursões na maioria são formadas por homens, homens esses que dizem não ter problema nenhum em mulher ir ao estádio, mas que também quando entramos no ônibus nos olham com cara feia, esses mesmos que já nos olham com um intuito além de nos acompanhar para um jogo, aqueles mesmos que nem nos ouvem quando damos uma opinião, mesmo que ela seja coerente, ou até mesmo quando sabemos uma resposta que homens não sabem, eles seguem perguntando até que outro homem confirme. Somos diariamente atacadas dentro e fora do estádio, e isso é muito triste porque vivemos no país do futebol, país esse que a maioria é formada por mulheres, mulheres que não são respeitadas, que são vistas como símbolo sexual dentro do estádio, não nos dão a voz que realmente temos, e sim nós temos!” (LEITE, 2018)

É comprovado que 60% dos graduados em atividades ligadas ao futebol são mulheres, no entanto, o número de cargos preenchido por elas é baixíssimo em



todos os clubes brasileiros. “Quem é mulher sabe tudo que acontece conosco, as guerras que vencemos as batalhas que ganhamos e a luta diária que passamos, nós mulheres sabemos que além de vencer cada dia que passa, temos que vencer cada homem que passa e não nos respeita, cada assovio maldoso na rua, cada não nos dado, cada trabalho negado e cada dúvida que colocam na gente por sermos mulheres”, afirma Suélen integrante do movimento e estudante de jornalismo. Apaixonada por futebol quer seguir a área esportiva e já sentem na pele os possíveis obstáculos que podem surgir durante sua carreira. Na figura 13, Suélen Lavarda, acadêmica de jornalismo, em uma de suas coberturas esportivas na copa Santiago.

Figura 13 - Repórter de campo



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

As tentativas de afirmação e de “explicação” perante o público masculino no futebol estão sendo deixadas de lado, ao invés disso, há uma iniciativa por parte delas de proporcionar um ambiente tranquilo nas viagens e dentro dos estádios, onde elas possam sentir-se seguras desde a forma de se vestir com liberdade até em debater assuntos sobre as partidas. Suélen, afirma:

“ Quem é mulher torcedora sabe desde o início, que surgirão inúmeras guerras para vencer, fora e dentro do estádio. Teremos que responder

perguntas de escalação do time (aquela que ficamos pensando durante 24h por dia) e que eles acham que não sabemos nem o nome do goleiro. Responder o que é um impedimento (ah se eles soubessem o quanto sofremos quando o juiz anula aquele gol nos 44min da etapa complementar). São diversos os questionamentos que nos fazem quando afirmamos sermos torcedoras. São diversas as vezes que sofremos e ainda iremos sofrer por causa de nosso amor pelo futebol. Porém apenas nós mulheres sabemos a força que cada uma de nós tem dentro de si e cada certeza de que SIM NÓS PODEMOS, qualquer coisa e vencer qualquer batalha. Que nós não precisamos provar nada mais para ninguém, porque o que serve é o que nós mulheres temos dentro de si a certeza que sabemos que podemos e temos força para vencer qualquer batalha!” (LAVARDA, 2018)

A organização FTFSM preocupa-se em não se resumir somente aos jogos: as meninas, que completaram um ano de movimento, se organizam a partir de uma comissão, onde definem aspectos políticos e também financeiros para o investimento em material para a torcida, como trapos e instrumentos, desenvolvem seus produtos como moletons e camisetas e possuem um grupo no *Whatsapp* que, atualmente, ultrapassa de 170 mulheres participantes, para combinar eventos, jogos e viagens. O movimento também conta com a parceria do bar Boteco do Rosário, lugar ponto de encontro nos dias de jogos, com direito a churrasco e banda comandada pelas mulheres que lotam a casa. Como mostra a figura 14, no final da Libertadores 2017, na partida em Grêmio versus Lanús.

Figura 14 - Final Libertadores 2017



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Elas utilizam as redes sociais para difundir sua mensagem e engajar novas participantes, a Força, por exemplo, em um pouco mais de um ano de existência possui quase dois mil seguidores em sua página no *Facebook*, e lá passam sua mensagem e debatem sobre questões sociais e de representatividade feminina. Elas procuram deixar bem claro sua razão de existir: “Buscamos espaço e afirmação no futebol e na torcida, por conta disso queremos levar cada vez mais mulheres para o estádio e unir-nos em prol do Grêmio!”. Na figura 15, as Mulheres do movimento Força Tricolor Feminina na final da Libertadores 2017.

Figura 15 - Força Tricolor Feminina



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

Os eventos organizados pelas meninas são abertos a todo tipo de público, mulheres, crianças, idosos e homens, com a condição de que haja respeito de todos os lados. Vinicius Grings, Relações Públicas e dono do bar freqüentado pelo movimento, possui muita admiração e respeito pelas mulheres do movimento, se orgulha em poder fazer parte e apoiar essa causa, “FTFSM certamente é a torcida com maior visibilidade de Santa Maria, o que mostra a força que mulheres unidas



por um objetivo têm. Que sirva de estímulo para outras áreas e que usem essa união para algo benéfico. O futuro agradece”, afirma o empresário.

É importante destacar também, que a torcida FTFSM, foi encorajada e inspirada em outras organizações do estado, como o Núcleo Feminino Gremista, que possui mais de quatro anos de história. As integrantes do Núcleo foram essenciais para o fortalecimento do movimento feminino Santamariense. “O mais motivador de tudo isso, é saber que não estamos sozinhas e que temos outras mulheres e descobrir a força que possuímos juntas”, relata Fernanda. A figura 16 mostra os grupos Núcleo Feminino Gremista e a Força Tricolor Feminina SM juntos em Porto Alegre.

Figura 16 - FTFSM e Núcleo Feminino Gremista



Fonte: Arquivo pessoal (2017).

Embora os avanços sejam claros, ainda há muito caminho pela frente, o que não diminui a intenção dos movimentos que vão surgindo: discutir o papel feminino na torcida, na organização e nas demandas dentro do estádio, como torcedoras, atletas ou como profissionais da área, e principalmente assumir um compromisso importante na busca por mudanças de postura em relação às mulheres, definidos por valores sociais machistas. Suélen, afirma:

“ Quando mulheres se unem a voz fica maior, assim como a força feminina também. Criar um movimento de mulheres no futebol é criar coragem para torcedoras, assim como eu, voltar a frequentar estádios, arquibancadas e bares, voltar a amar e torcer com liberdade, torcer da forma que quiser, mostrando para os homens que podemos gostar jogar e torcer pelo futebol, assim como qualquer ser humano.” (LAVARDA, 2018)

Em meio a todo esse tempo de pesquisa, pude compreender que a principal razão motivadora das mulheres estarem buscando por mais espaço, representatividade e respeito e de estarem na luta contra representação estereotipada vem, determinantemente, do fato de que entenderam que somente elas podem ser protagonistas de sua própria história e de que não devem deixar que a sociedade e seus valores machistas as calem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção da pesquisa foi de analisar a representatividade das mulheres por um viés feminino, e não baseado nos valores masculino, o que não deixa de ser relevante na pesquisa. Mas como elas realmente se enxergam? O que elas realmente são na torcida? E como elas querem ser vistas? Esses questionamentos foram feitos e respondidos durante a pesquisa. Os dados e depoimentos foram feitos durante um ano de observação e de acompanhamento nos jogos do Grêmio junto às mulheres do movimento.

Toda mulher que tem o seu amor pelo esporte revelado, passa por alguma situação desconfortável e é constantemente questionada, principalmente, pelo fato delas não serem socializadas ao futebol desde pequenas. Assim como a maioria das mulheres brasileiras, que reivindicam por alguma questão, as integrantes do movimento buscam por maiores evoluções relacionadas ao respeito nos estádio, ao respeito por seu espaço e a compreensão de que esse amor vai além dos pré-conceitos e julgamentos.

Sobre representatividade, as meninas afirmam que a imagem das mulheres relacionada ao futebol é distorcida da realidade. Elas não querem ser vistas como objetos, enfeites, musas e também não querem ouvir piadinhas sobre não entender de futebol ou perguntas como “mas você sabe mesmo a regra do impedimento?”. As integrantes do movimento, assim como todas torcedoras em seus respectivos times, não querem ser idealizadas como troféus e, sim, apenas como pessoas que tem apreço pelo esporte e fazem dele seu lazer em acompanhar e torcer pelo seu time de coração. São mulheres torcedoras e querem ser vistas e respeitadas desta forma, sem o peso de estarem constantemente tendo que provar e afirmar sua paixão pelo futebol, principalmente, tendo que lidar com o assédio e ditar a escalação do time em todas as partidas. As mulheres, ainda assim, tendem a ser mais receptivas e educadas com os demais. O que não ocorre com a maioria dos homens.

Como comentado durante o trabalho, o machismo e o preconceitos, são os principais fatores que influenciam na imagem feminina imposta. Os valores masculinos reforçados na torcida são de que mulher tem que entender de "coisas de mulher" e que o futebol, com certeza, não é uma dessas coisas. Eles trazem valores machistas no qual cresceram ouvindo na sociedade, mulher tem que estar na

cozinha e não no estádio, se está no estádio, então é por causa dos jogadores e não pelo time em si, as conhecidas "Marias chuteiras", como dizem.

Nesse tempo de pesquisa, pude observar que as meninas, quando reunidas para as partidas, sejam no estádio ou no bar onde assistem aos jogos, fazem ainda mais "chamarisco" e conseqüentemente as piadinhas e perguntas começam. Afirmações do tipo "um bando de mulher que vai pra chamar a atenção, se quisessem só torcer iriam com homens porque é tudo igual", "são torcedoras modinhas, de momento, querem se aparecer", sem contar, novamente, as cantadas ouvidas, principalmente, quando estão chegando juntas aos arredores do estádio, local onde todas as torcidas ficam antes dos jogos, ou quando estão retornando a van, "Ô lá em casa" "Santa Maria é logo ali, vou entrar nessa van."

Por todos esses fatos citados, se faz de enorme importância movimentos femininos no mundo inteiro, pois ainda vivemos em uma sociedade machista. Infelizmente no mundo do futebol o machismo é ainda maior, por ser um ambiente de predominância masculina. As mulheres que vivem nesse meio deparam-se diariamente com preconceitos, mas quando unidas passam a ter mais força para enfrentar os obstáculos diários. Incentivar e apoiar um movimento feminino no futebol é transmitir coragem para as torcedoras voltarem a frequentar os estádios, as arquibancadas os bares, para voltarem a amar e torcer com liberdade, torcer da forma que quiserem, mostrando para sociedade machista que podem sim gostar, jogar e torcer pelo futebol, assim como qualquer outra pessoa, independentemente de seu gênero.

Deste modo, foi possível perceber que apesar do pouco espaço, tanto nos estádios, nas viagens, na mídia e nos estudos relacionados à presença feminina no esporte os movimentos em prol da união feminina nos estádios, em busca de representatividade e em combate ao machismo veio para ficar, e tende a cada vez mais atrair mais mulheres. Elas querem representatividade, e quando falamos disso, falamos de mulheres ocupando seu espaço na torcida, na diretoria, no campo e comandando times.

Portanto esse estudo não tem a intenção de ser conclusivo, mas de explorar situações de uma vivência cotidiana das mulheres com o machismo e a paixão pelo futebol. Como legado dessa monografia, destaca-se a percepção da necessidade de uma pesquisa de fôlego sobre as torcedoras, que busque compreender a

participação dos conceitos de gênero, representatividade, raça/etnia, classe social, dentre outros, no processo de legitimação da presença das mulheres no universo do futebol.

## **REFERÊNCIAS**



CAPPELLANO, Renata. **O torcedor de futebol e a imprensa especializada**. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

COSTA, Leda Maria da. Marias-chuteiras x torcedoras “autênticas”: identidade feminina e futebol. In: XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH, 2006, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2017/02/torcedorasleda-maria-da-costa.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. O que é uma torcedora? Notas sobre a auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, nov./fev. 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/143301520/O-que-e-uma-torcedora-Notas-sobre-a-representacao-e-auto-representacao-do-publico>>. Acesso em: 13 maio. 2018.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25 n. 50, jul./dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882005000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012)>. Acesso em: 15 maio 2018.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GOELLNER, Silvana. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physis. Ijuí: Ed.Unijui, 2003.

GRABIA, Gustavo. **La Doce**: A Explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

HERNANDES, Bruna. Lugar de mulher é onde ela quiser. **Torcidas organizadas Brasil**, 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Torcidas.Organizadas.Brasil/posts/567773313273676>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

INDA, Rafaela. Entrevista concedida a Caroline Portela Melgarejo. Santa Maria, 2018.

LAVARDA, Suélen. Entrevista concedida a Caroline Portela Melgarejo. Santa Maria, 2018.

LEITE, Fernanda. Entrevista concedida a Caroline Portela Melgarejo. Santa Maria, 2018.

LOBO, Felipe. Representatividade importa: garota de 4 anos vê bandeirinha mulher, se encanta e quer ser árbitra. **Trivela**, 31 out. 2017. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/representatividade-importa-garota-de-4-anos-ve-bandeirinha-mulher-se-encanta-e-quer-ser-arbitra/>>. Acesso: 23 maio 2018.

LOPES, Patricia. Mulheres ainda enfrentam machismo velado no futebol. **Trivela**, 9 fev. 2011. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/mulheres-ainda-enfrentam-machismo-velado-no-futebol/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

MATOS, Maria Izilda. **Gênero em debate**. São Paulo: EDUC, 1997.

MEDEIROS, Renata de. Cansadas de preconceito, mulheres criam grupos para debater futebol e torcer juntas: iniciativas partem de torcedoras que buscam elevar o nível da discussão sobre seus times, redes sociais potencializam movimentos. **Zero Hora**, Porto Alegre, 08 mar. 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/03/cansadas-de-preconceito-mulheres-criam-grupos-para-debater-futebol-e-torcer-juntas-cjei0n03m017501r4mcu463i4.html>>. Acesso em: 10 maio 2018.

MENEZES, Arthur. Tribuna 77, uma torcida antifascista: a proposta que vai muito além de torcer. **Beta Redação**, 16 abr. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/betaredacao/tribuna-77-uma-torcida-antifascista-9069b9960c1a>>. Acesso em: 08 maio 2018.

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção desentidos e construção dos imaginários midiáticos. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/9/10>>. Acesso em: 22 maio 2018.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusp, 2005.

PIMENTA, C. A. M. Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: ALABARCÉS, P. **Futbologias**: fútbol, identidad y violencia en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2003.

PIMENTA, C. A. M. (2000). **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **As Faces do Fanatismo**. São Paulo: Contexto, 2004.

PIRES, Breiller. Em plena ditadura, a torcida Coligay mostrava a cara contra o preconceito. **El país**. São Paulo, 12 abr. 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554\\_546896.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/deportes/1491595554_546896.html)>. Acesso em: 03 abr. 2018.

RIBEIRO, Raphael R. **A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. 2007. 180 p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SERFATY, Rafael. Dulce Rosalina: a pioneira vascaína. **Guerreiros da Colina**, 2017. Disponível em: <<http://guerreirosdacolina.com.br/site/dulce-rosalina-pioneira-vascaina/>>. Acesso em: 21 maio 2018.

SUSSEKIND, Helio. **Futebol em dois tempos**. São Paulo: RelumeDumará, 1996.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualização. **Esporte e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, nov./fev. 2008. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/html/es202.html>>. Acesso em: 14 maio 2018.

VICKERY, Tim. A importância do 'Deixa Ela Trabalhar' e de enxergar além da sexualidade. **BBC Brasil**, 13 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/blog-tim-vickery-43747081>>. Acesso em: 15 maio 2018.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. Petrópolis: Vozes, 2000.